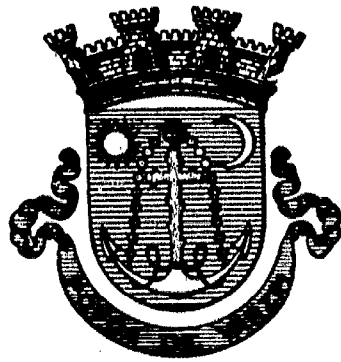


PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



NÚMERO COMEMORATIVO DO I CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE ROCHA PEIXOTO

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

Há muito que estudar e poucos
são os que trabalham; mas
embora fossem muitos, Portugal
chega para todos.

ROCHA PEIXOTO

(1866 — 1909)

Para a história de parte do espólio de Rocha Peixoto

por MÁRIO CÉSAR MARQUES

Nado e criado na Póvoa de Varzim, o nome de Rocha Peixoto era-me familiar. Ouvia falar nas Senhoras Rocha Peixoto e quando, maiorzinho, já sabia soletrar, o aparato festivo do quartel, em dias de juramento de bandeira, atraía-me e lá estava eu caído a seguir, com atenção e entusiasmo, os vários números da gincana, a ver os soldados montados em bicicleta e munidos dum pau partir cântaros pendurados numa trave por um fio, subir uma tábua colocada em plano inclinado e apoiada quase ao centro para, quando o ciclista tivesse percorrido para além da metade, a tábua se inclinar para o lado oposto, corridas de obstáculos, etc. Devo dizer-lhes que a atracção era só de recreio, porque, felizmente para a Nação, no cumprimento desse dever o meu posto na escala é o de «soldado recruta sem instrução dos S. S.». O quartel ficava e fica situado em frente da casa das Senhoras Rocha Peixoto e na placa colocada na esquina da rua já eu ia lendo «Rua Rocha Peixoto». O pai dum dos meus condiscipulos era empregado na Escola Comercial da vila, que tinha o nome de Rocha Peixoto. Frequentei a capela da Senhora das Dores no tempo em que desempenhava as funções de sacristão o Senhor Farinhas. O filho do sacristão, o António, que foi meu companheiro de ajudante da missa, era afilhado da D. Augusta da Rocha Peixoto e vivia com a sua madrinha, e família, de quem a mãe fora criada.

Pouco conhecia do Rocha Peixoto, que devia ter sido uma pessoa de grande importância, para o prestígio que o seu nome impunha. Diziam-me que fora escritor e tinha morrido há muitos anos.

Mais tarde, ao estudar os movimentos que, no fim do séc. XIX e princípio do séc. XX, influenciaram as correntes do pensamento, em Portugal, lá foi encontrar o nome de Rocha Peixoto e a revista *Portugália*.

Impei de orgulho. Era um meu conterrâneo e é preciso ter muito valor para impor um movimento que crie nova mentalidade.

Além das referências à sua obra e da citação do seu nome, continuava a nada mais conhecer a não ser que os irmãos tinham uns nomes compridos e nada comuns.

Em 1954, para me arrumarem, vim parar à encosta nascente do monte de Bastuço. Estava no caminho de Braga à Póvoa e nesta vila tinha ganhado relações no mundo columbófilo poveiro. Era na rua onde moram os meus pais, em casa do Senhor Carlos Alfaiate, que os columbófilos faziam assembleia, à noite, e era lá que se reunia, em cavaco, a boa gente das imediações. Nessa altura, o António Farinhas veio morar com a mãe para a nossa rua e passava, em algumas noites, pela assembleia da casa do Alfaiate. Não necessitámos de apresentação. Apenas a amizade que em crianças nos ligava se tornou maior.

Numa noite em que o fui procurar a casa e se falou a respeito de livros o nome de Rocha Peixoto veio à baila e fiquei a saber o que a madrinha falava ao afilhado sobre o irmão.

Era a D. Augusta a irmã que o cientista da *Portugália* fazia sua confidente e tinha o encargo de lhe preparar e levar à noite o café, ao gabinete de trabalho, e a quem ele, numa natural necessidade de comunicação humana, lia o que tinha escrito e perguntava a opinião. E a senhora que, algumas vezes, não podia estar à altura do assunto, respondia invariavelmente: «está bem, Peixoto! Muito bem!». Peixoto era o nome por que, familiarmente, as irmãs o tratavam (1).

Também se falou do pai, o cirurgião Rocha Peixoto, e mostrou-me, nas folhas da encadernação dum volume que reunia vários números duma revista de jardinagem, o registo que fazia do nascimento dos filhos e, entre eles, o do filho António que registou com o nome de António César Augusto Octaviano da Rocha Peixoto (2).

E, porquê se estava a falar da maneira de trabalhar do cientista, falou-me dos apontamentos que tomava em livrinhos

(1) Era também por este apelido que os amigos, na intimidade, o tratavam, como se pode ver através da carta de José Fortes que a seguir se publica.

Foi com as letras da palavra Peixoto que construiu o «ex-libris», que usou nos livros que lhe pertenceram. Já o pai era conhecido e tratado por «Senhor Peixoto» como se pode verificar em «As Memórias do P.º Coentrão», publicadas neste Boletim (Vol. I, n.º 2, págs. 212 e 213).

(2) Manuel Silva, no seu trabalho «S. Miguel da Ala», publicado no jornal «A Voz da Póvoa», em 20-10-1938, e reproduzido neste Boletim Cultural (vol. II, n.º 1, ano de 1959) diz que Rocha Peixoto assinou em alguns documentos António Augusto César Octaviano da Rocha Peixoto. Em artigos publicados no jornal poveiro *A Independência*, Rocha Peixoto assinou Augusto César.



Rocha Peixoto

[Fotografia reproduzida pela primeira vez na *Ilustração Popular*, ano I, n.º 4 (Porto, 22 de Novembro de 1908), pp. 14-15].

e pequenos papéis. Perante o meu interesse, tirou de dentro duma mala, onde os conservava guardados, um monte deles, que me ofereceu juntamente com umas *provas* tipográficas e as cópias dos testamentos, porque já tinham sido examinados e a senhora D. Augusta dava tudo aquilo à Câmara, mas disseram-lhe que não tinham interesse.

Levei-os para casa e, ao outro dia, comuniquei o caso a um meu amigo que teve um destino algo semelhante ao de Rocha Peixoto, e tinha sido quem os havia examinado e me repetiu que eram sem interesse, porque tudo aquilo se encontrava publicado.

Trouxe o molho de papelada para o presbitério da encosta nascente do monte de Bastuço. Mandeí à governanta de então que não fizesse limpeza no aposento que me serve de escritório até nova ordem. Espalhei tudo no chão e, aproveitando todos os momentos livres, fui lendo as *provas*, os livros de notas, os testamentos, as cartas e os postais, e os apontamentos que fui ordenando e juntando.

Havia apontamentos de geologia, um manuscrito relativo à Exposição Colonial Portuguesa de 1894 com as distinções conferidas pelo júri encarregado de classificar os produtos das classes, documentos relativos à nomeação para bibliotecário da Biblioteca Municipal do Porto, notas relativas ao Museu Municipal do Porto, as *provas*, em português e em francês, do seu estudo sobre os vestígios, em Portugal, da vida comunalista, apontamentos sobre ourivesaria e apontamentos — estes em grande número — colhidos em regiões serranas. Confrontei estes últimos com as *provas* de «Formas da Vida Comunalista em Portugal» e verifiquei que o investigador os tinha utilizado na redacção deste seu trabalho.

Nessa altura desconhecia que Rocha Peixoto pensava publicar um estudo sobre «A Serra». Pareceu-me que os apontamentos estavam todos e que eram uma amostra do que seria a «monografia inédita». Pareceu-me também que as cópias dos dois testamentos tinham o seu valor por documentarem a evolução da mentalidade de Rocha Peixoto.

Voltei a falar no assunto ao citado amigo (Prof. Fernando Barbosa) e ficou combinado que essa documentação seria arquivada na Biblioteca Municipal, onde se encontra. Em meu poder apenas ficaram apontamentos avulsos, os originais de um artigo de Rocha Peixoto para um *Almanaque* de Ponte de Lima e de um artigo do Abade de Baçal para a *Portugália* (dos quais falo mais abaixo), o original de um artigo de B. D. Coelho, datado de 1908, sobre a «Cerâmica Popular no Distrito de Santarém» (e que não chegou a sair na *Portugália*), as *provas*, em português, de «Formas da Vida Communalista em

Portugal», o manuscrito da tradução francesa do mesmo trabalho, fotografias e, ainda, os postais e cartas que a seguir se publicam (1).

1

Pt.º do L.º 2-11-97

Presadissimo primo e am.º

Remetto as marcas das pedras da ponte e passeios; o numero das que existem na ponte é muito superior ao numero das que remetto, mas são eguaes e, como sabe, não havia necessidade de desenhar muitas eguaes. Em alguns arcos, a principiuar do largo d'Alegria para a villa, as pedras não tem marcas. As que se acham nos passeios da rua Agustinho Taveira e mesmo no passeio da alameda marginal ao rio, são provenintes d'umas portadas coroadas de amêas que existiam nas avenidas da ponte quando esta villa era fechada; com a pedra que dali removeram, construíram muros e passeios, n'estes, ainda hoje se encontram as marcas, do que se depreheende que toda a obra foi feita acto continuo e pelos mesmos pedreiros, na mesma epocha, rasão porque as marcas são eguaes. Recebi o programma ethnographico, e não accusei mais sedo a recepção por esquecimento. Farei o que poder para auxiliar as pretensões do primo. Guerra Junqueiro, como sabe, sempre inspirado quando falla ao publico, é uma perenne torrente de ideias ou phrases qual d'ellas a mais sublime; sempre admiravel!!! agradeço.

Monteiro escreve-me disendo-me que a prima Jesuina e marido estiveram no Bom-Jesus com o Frederico; foram ali pagar uma promessa, sinto não poder abraçar-os.

Saudosas lembranças de todos nós para as priminhas, e um bom abraço para o primo, e mando o que se subscreve

Seu primo mt.º am.º
José da Rocha Peixoto

Com base nas informações e desenhos do seu primo, morador em Ponte de Lima, escreveu Rocha Peixoto um artigo a que deu o

(1) Em Outubro deste ano de 1966 o António Farinhas ofereceu ao sr. Dr. Jorge Barbosa, médico da Póvoa de Varzim, o remanescente da documentação que em tempos trouxera da casa da família Rocha Peixoto. Continha, tal oferta, algumas cartas e officios dirigidos a Rocha Peixoto, desenhos de peças ethnográficas que o cientista pensava estudar em futuros trabalhos, fotografias e postais diversos, as cartas e telegramas de condolências enviados à família de Rocha Peixoto aquando do falecimento do ilustre poveiro, etc. A maior parte desta documentação ofereceu-a o Dr. Jorge Barbosa, por sua vez, ao Dr. Flávio Gonçalves — o «velho» amigo a quem devo também todas as informações exaradas nesta nota.



As siglas da ponte de Ponte de Lima reproduzidas por Rocha Peixoto, em 1909, no seu artigo do *Almanaque Illustrado de «O Commercio do Lima»*.

titulo «As Siglas da Ponte». Informou-me o Dr. Flávio Gonçalves, informação que agradeço, que este artigo foi publicado em *Almanaque Illustrado de «O Commercio do Lima»*, 3.º ano, Ponte de Lima, 1909, pp. 217-223 (1).

A «prima Jesuina» referida na carta era uma das irmãs de António Augusto da Rocha Peixoto, a qual habitava, com o marido (o farmacêutico Francisco Rodrigues Monteiro), em Ancede (Baião). Quanto ao «Monteiro», a que também se alude na carta, devia ser o historiador de arte Dr. Manuel Monteiro, de Braga, parente de Rocha Peixoto.

2

Ex.º Sr e Am.º

Relativamente aos berrões d'esta provincia só já lhe será facil conseguir o da Villa de Sinos.

O de Parada, decerto, já está pedido pelo Director do Museu de Bragança, o Ex.º Sr Capitão Lopo.

Para obter o da Villa de Sinos o melhor seria dirigir-se pessoalmente ao distinto clinico d'essa cidade, meu intimo amigo, o Ex.º Sr Dr. Aleixo Guerra.

Como é do concelho de Miranda, ser-lhe-ha muito facil conseguir a sua cedencia.

De V. Ex.ª Am.º e M.º Obg.º

Carviçais, 15-VII-903

Abbade José Augusto Tavares

Este postal é mais um documento do interesse com que Rocha Peixoto procurou enriquecer o Museu Municipal do Porto. O P.º José Augusto Tavares, pároco de Carviçais, concelho de Moncorvo, era um sacerdote culto que, além de colaboração em outras publicações, colaborou na *Portugália*.

3

Meu caro Amigo.

Chegou o Cardoso; pude enfim abraçar o nosso companheiro! Vem gordo, roliço, vermelhusco, algo embranquecido. Queixa-se

(1) O original deste artigo — manuscrito do punho de Rocha Peixoto, datado e assinado — esteve na minha posse alguns anos, mas pertence hoje ao Dr. Flávio Gonçalves, por carta minha.

do fígado. Traz um pedaço d'África, um moleque semiesco, que lhe foi companheiro e enfermeiro durante dous annos. Parece-me estar já a ouvir o Peixoto:

— Tira-me para lá o preto!

Breve o terá ahí e poderá de vagar conversar nas nossas casas, como conto logo fazê-lo, pois que combinamos ir vêr a casa do Ricardo.

Hontem fui ver o homem da maça. Não é estátua callaica; é esculptura muito mais moderna. Creio que será mesmo medieval, porque é relativamente perfeita e bem lançada. As mangas do gibão, onduladas e rasoavelmente pregueadas, a couraça de que se sente bem a linha saliente correndo na direcção do sternum; o bem esculpturado da cabelleira hirsuta e do saial ou parte inferior do gibão, as joelheiras, etc. tudo me dá a impressão d'uma obra bem posterior aos primeiros séculos da nossa era. Mais barbara é a fêra que ladêa a estatua em incomprehensível relação. Parece a celeberrima bicha de Balazote, e da mesma arte ingenua e atrazada. Achei que contrastava mt.º com a estatua. Apesar d'isso e mesmo da lenda do caçador que mata a fêra, invocando o santo, e em reconhecimento levanta o monumento; apesar de tudo não me convenço em retrotrair tudo aquillo aos nossos tempos lusitano-romanos. Tragam-me tudo para tempos recentissimos, que nada nos auctorisa a phantasiar um Hercules do pantheon romano-lusitano. Nem sei como em tempos de dominação latina ahí fosse cair um trecho de esculptura notavel; ahí, onde não ha outros indiculos da persistencia do grande povo.

Não recebi ainda noticias de Terroso. Recomende-nos a suas Ex.ªs Manas, e receba um valente abraço

*Do seu
J. Fortes*

P. S. — Esta carta estava à espera do enderesso. Vae um pouco em atraso p.º causa d'elle. Sexta-feira vou a Terroso com o Cardoso; mas, apesar de enviar carta, ainda não recebi noticia do recomeço dos trabalhos.

Fortes

Esta carta não contém nenhuma indicação de data, mas, pelas referências que faz à exploração da cidade de Terroso, deve de ter sido escrita em Abril ou Maio de 1907. O principal assunto desta carta relaciona-se com duas esculpturas que, ao tempo, se encontravam junto da capela de S. Braz, na freguesia de Santa Cruz do Bispo, concelho de Matosinhos, e sobre

elas escreveu Rocha Peixoto um trabalho publicado no Tomo II da *Portugália*, pág. 676 e parte da seguinte.

4

Meu Rocha Peixoto

Ahi vai, neste correio, a cataplasma que por forma tão captivante exigiu de mim; creio que ha nella elementos aproveitaveis — mas se não servirem ao intento é que a minha incompetencia não dá para mais e neste caso V. Ex.^{ta} os disporá como melhor entender. Não estou esquecido da photographia de um relógio de sol que em tempo me pediu, até agora não tem havido tempo para isso — se ainda a quer diga para a ir tirar.

De V. Ex.^a

Amigo e admirador

Francisco Manuel Alves
Reitor de Baçal
Bragança

15-4-909

Este postal foi publicado, pela primeira vez, em fac-símile, na *Escola Remoçada* (Braga, n.º de 1 de Maio de 1965), num artigo com que o citado jornal da Escola do Magistério Primário de Braga se associou às homenagens prestadas ao ilustre bragançano, no primeiro centenário do seu nascimento. Refere-se o postal a um trabalho destinado à *Portugália*, que se compunha de quatro meias folhas de papel azul de trinta e cinco linhas, escritas dos dois lados (no total, há 49 linhas em branco), a que deu o longo titulo: «Vestígios do regimen agrário communal; factos curiosos. Um documento inedito interessante. Significação de uma palavra archaica commum outróra, hoje tornada propria desconhecida dos lexicographos».

Quando escrevi o artigo que saiu na *Escola Remoçada*, desconhecia que o Abade de Baçal, uma vez que Rocha Peixoto falecera, publicara o seu trabalho, com algumas alterações mais de forma que de conteúdo, na *Illustração Trasmontana* (vol. III, Porto, 1910, págs. 137-142), e só há pouco tive conhecimento deste facto por amável informação do Dr. Flávio Gonçalves. No entanto o começo do manuscrito destinado à *Portugália* difere do artigo da *Illustração Trasmontana* (é no começo deste que o Abade de Baçal diz que o trabalho se destinava, originariamente, à *Portugália*, a pedido de Rocha Peixoto); o manuscrito destinado à *Portugália* — hoje na minha posse, como já disse — termina com a

Meu Rocha Peixoto,

Ahi vai, neste correio, a cataplasma que por forma tão captivante exigiu de mim; creio que ha nella elementos aproveitaveis — mas se não servirem ao intento é que a minha incompetencia não dá para mais e neste caso V. Ex.^{ta} os disporá como melhor entender. Não estou esquecido da photographia de um relógio de sol que em tempo me pediu, até agora não tem havido tempo para isso — se ainda a quer diga para a ir tirar.

De V. Ex.^a

Amigo e admirador

15-4-909.

Francisco Manuel Alves
Reitor de Baçal
Bragança

explicação dos topónimos «carva» e «carvas» e no artigo da *Ilustração Trasmontana* o Abade de Baçal, a seguir à explicação desses topónimos, publica mais elementos sobre as «talas»; e no artigo da *Ilustração Trasmontana* não foi publicado o documento que vem, anexo, no final do manuscrito destinado à *Portugália*. O referido documento é a carta de privilégios concedida pelo Duque de Bragança, D. Teodósio, aos moradores de Rio de Onor, Petisqueira e Guadramil, publicada no tomo III das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, pág. 282. O estudo destinado à *Portugália* e publicado na *Ilustração Trasmontana* também se encontra no tomo IX das *Memórias*, págs. 348 e segs.



Medalha comemorativa do centenário do nascimento do Rocha Peixoto.
Autor: Cabral Antunes; Cunhagem: Casa Topázio (Porto); Material: Bronze; Módulo: 70 mm.